

Topázio

Evaristo E. de Miranda

06/05/2007

A construção seminário exigia recursos. A diocese mineira cheia de patrimônio histórico, não tinha liquidez financeira. Foram muitos anos de trabalho e de esforços coletivos. Os fiéis contribuía com magras e insuficientes esmolas. Um poderoso, desejoso de ver a igreja a seus pés sinaliza sua disposição em ajudar. Muito. Também pede um abrandamento no verbo evangélico. Basta de sermões estilo padre Vieira. Basta de denúncias contra ricos e exploradores. Malícia do mal. A igreja não se decide, não responde a esta oferta condicionada.

Um dia, de suas minas de pedras preciosas, o poderoso envia para ajudar na construção do seminário um saco de pedras preciosas. Não um saquinho. Uma saca de café repleta de topázios amarelos. Era uma forma de humilhar. E de não humilhar-se. Um dom interesseiro da riqueza, a quem a igreja repetia e repetia: não te é lícito. Todos reúnem-se para contemplar aquele tesouro dourado e faiscante, saído do ventre da terra.

A igreja poderia recusar aquele monte pedras. Ou vender e recuperar o dinheiro. Lapidá-los e vendê-los mais caro ainda. Ou usá-los para ornar os altares, as imagens. Ou então... Ela reflete e agradece o dom. O que fazer? Sua decisão é inusitada. Ela emprega essas pedras numa espécie de fundação, de alicerce, para o novo seminário.

Os topázios foram usados para pavimentar os treze degraus da entrada do seminário. Quem sobe por aquelas escadas caminha sobre lindos topázios amarelos, cravejados no cimento e cercados de outras pedras, belas e menos valiosas. Muitos passam sem notar. Outros abaixam-se, limpam o pó de alguma pedra maior com a ponta de dedo molhada em saliva. Os topázios estão sendo lapidados por pés descalços e calçados. Cada degrau vale a lembrança de uma estação no caminho do calvário. No alto da escadaria, em tamanhos mais avantajados, os topázios formam cruces. Tu és Pedro, e sobre essa pedra...

Voltando-se o olhar para cima, vê-se uma linha dupla de palmeiras imperiais tentando rivalizar com as duas torres despojadas da igreja de São Pedro dos

Clérigos. Palmeiras e igreja dão continuidade a um outeiro que aparenta ter sido criado para dominar o povoado. Vencem assim as fechas aguçadas das palmeiras do seminário São José. A nudez da pedra na fachada evoca os templos gregos da Sicília. A noite, iluminada, a igreja parece feita de madeira ou de um tipo de cortiça ou ainda um gigantesco topázio. O brasão papal fecha com duas chaves as três janelas da fachada e os três pórticos de entrada. Uma chave do sol e outra da lua. Uma de ouro, outra de prata. Uma do poder material e outra do espiritual. Mais acima, uma concha, uma *coquille*, em vista ventral, expõe uma unitária vala, cheia de águas batismais ou quem sabe do mar da Galiléia. Zela pela unidade do rebanho. No interior, um enorme galo, um mega *alector*, coroa um altar de madeira corada, ainda inacabado, como a igreja, como a Igreja. Ao amanhecer, o sol ilumina a fachada, do lado esquerdo, como uma entrada entre montanhas. As vezes, o galo de madeira canta, asseguram os fiéis. No ocaso, o sol ainda ilumina essa fachada, do lado direito. Os sinos dobram obedientes, acima de todas as pedras, e exclamam a quem tem ouvidos para ouvir: Tu és Pedro.